



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — Homenagem a Liszt. — A canção franceza. — Notas vagas. — Noticiario.

Homenagem a Liszt

Duas palavras

Ex.^{mas} senhoras e ex.^{mos} senhores ; minhas meninas :

— Perdão ! Não estranhem V. Ex.^{as} que eu me dirija tambem ás creanças ; estamos, por assim dizer, na casa d'ellas ou muito proximo — differença apenas de um pavimento. Estamos na casa onde ellas recebem a sua mais completa educação, onde passam a melhor e sem duvida a mais proveitosa parte do seu tempo ; aqui estudam, trabalham, conversam, chilream, brincam, riem, choram e... crescem. Do tempo aqui passado, as creanças de hoje — senhoras amanhã — conservarão as mais gratas e saudosas recordações de toda a sua existencia.

E' pois naturalissimo e mesmo obrigatorio, pedir-lhes tambem vénia para proferir as minhas *duas palavras*.

Tanto mais que n'esta intima festa tomam parte duas creanças muito minhas conhecidas por affeição : ¹ uma, deveras creança em todo o sentido, tem-se-me tornado profundamente sympathica pela docilidade, applicação, intelligencia e vocação musical ; outra, menos creança na idade — já é mãe ! — conheci-a quando mal tinha sahido da infancia. Não sei bem porquê, mas afigura-se-me que essa ex-creança conserva ainda alguns traços característicos da adolescencia. Em todo o caso, o culto que presta á Arte e o

seu talento de pianista, obrigam-me a que o antigo affecto esteja substituido por admiração sincera.

Permittam-me por isso que repita :

Ex.^{mas} senhoras e ex.^{mos} senhores ; minhas queridas meninas :

A homenagem que vamos prestar a Liszt coincide com outra homenagem mais intima, mais familiar, mas tambem muito mais affectuosa, homenagem que o carinho filial quiz juntar ao entusiasmo pela Arte.

Vamos celebrar o centenario do nascimento de um grande musico, mas vamos ao mesmo tempo congratularmo-nos pelo anniversario de quem não é menos grande, embora n'uma esphera mais tranquilla e modesta ; grande na consideração de todos nós, grande de uma grandeza nobremente adquirida pelo trabalho honesto de muitos annos, pela dedicação no ensino, pelas respeitabilissimas virtudes e pelo immenso amor maternal, de que temos presentes testemunhos vivos muito mais eloquentes do que o poderiam ser as minhas pobres palavras.

Portanto, antes de prestarmos homenagem á Arte, rendamos preito á Virtude: tenho a certeza de que me acompanhaes na expressão dos mais vehementes votos pela felicidade de quem é optima educadora e mãe estremosa, *Misstress Anne Rangel Baptista !*

(N'este momento resoou espontaneamente uma estridente salva de palmas com que todas as pessoas presentes saudaram a dignissima directora do collegio).

Cumprido o dever, falemos de Liszt.

Nasceu em 1811; já o sabeis. Mas recordae, para conhecerdes bem a sua genealogia: em

¹ Mademoiselle Maria de Lourdes Rangel Baptista Mendes e Madame Laura Reis Ferreira.

1809 nasceu Mendelssohn, em 1810 nasceram Chopin e Schumann, em 1813 Ricardo Wagner.

Oito annos antes de Liszt e dez antes de Wagner, em 1803, nascera em França o precursor dos symphonistas modernos, Heitor Berlioz. E ainda poucos annos antes de todos estes, em 1797, entrou na vida o mais vulgarisado creador do *lied* allemão: Franz Schubert.

Vêde que admiravel pleiade de musicos produziu o principio do seculo XIX!

Vêde como a arte musical se armou para a grande evolução realisada durante todo aquelle seculo!

E' que os genios não são producto do acaso; surgem quando se tornam necessarios, quando a humanidade os reclama, quando o meio social os prepara, quando um determinado movimento chega ao seu *terminus*!

Os musicos que acabei de citar crearam-se na effervescencia do movimento intellectual que se convencionou chamar o *romanticismo*.

E a musica encontrou no periodo romantico os mais poderosos elementos para uma prodigiosa expansão.

Beethoven, o ultimo e o maior dos classicos, já preparára o caminho para a musica descriptiva — isto é, para a musica romantica — com a symphonia pastoral, a sonata apaixonada e tantas outras das suas mais admiraveis obras, em que os symptomas caracteristicos do romanticismo se encontram em plena evidencia.

Schubert e Mendelssohn, sem abandonarem as tradições classicas, abrem amplamente as azas da phantasia romantica; Schumann, porém, rompe fremente com os preconceitos, rasgando o veu do novo horizonte. Foi na vastidão d'esse horizonte que Liszt traçou a sua orbita.

Não posso, apenas em *duas palavras*, seguir toda a linha de tal orbita, que é enorme e dentro da qual começou a gravitar o proprio Wagner; mas o programma da presente festa offerece topicos sufficientes para nos dar uma idéa do que é a obra de Liszt.

Em primeiro logar ouviremos Liszt melodista, nos *lieder*, de que a ex.^{ma} sr.^a D. Adelaide Lima Cruz nos vae fazer apreciar alguns specimens, com o primôr da sua voz e a auctoridade da sua escola. Os *lieder* — melodias, canções ou como melhor lhes queiram chamar — de Liszt, distinguem-se principalmente pelo estylo declamado, muito similhante ao de Wagner.

A primeira d'essas melodias inscripta no nosso programma, é a celebre canção de

Mignon, que tem inspirado outros compositores, entre elles Schubert, Schumann e Ambroise Thomas.

E' interessante comparar a fôrma diversa por que os quatro mestres, quasi coevos, traduziram em musica a conhecida poesia de Goethe: na Mignon de Schubert canta o musico popular allemão, com sentimento intimo e a mais ingenua simplicidade; em Schumann desaparece a simplicidade e por consequencia o espirito popular, mas conserva-se o caracter allemão na fôrma melódica, mais accentuado ainda pela complicação harmonica; a Mignon do francez Ambroise Thomas exige uma cantora de theatro, exteriorizando um sentimentalismo expressivo; Liszt por sua parte, dá-nos a pintura sonora de todas as palavras, idéas e sentimentos que a poesia exprime, pintura realisada pela harmonia acompanhante. No primeiro caso ouve-se uma simples melodia; no segundo pretende a harmonia tomar o logar primacial; no terceiro temos um canto theatral, e no quarto um thema curtissimo, desenvolvido e explicado pelo acompanhamento.

Eis symbolisados, em poucos compassos, as principaes phases da evolução musical durante o seculo XIX: 1.^a, a melodia pura; 2.^a, a complicação harmonica; 3.^a, o sentimentalismo; 4.^a, emfim — estado actual — a declamação descriptiva. E é esta ultima fôrma o typo geral dos *lieder* de Liszt.

Mas não constituem elles a parte mais importante da sua obra reformadora. Essa reside especialmente na musica orchestral, cujas fôrmas classicas enquadadas no typo da «abertura» e da «symphonia», elle abandonou completamente para crear um typo novo: o «poema symphonico».

Antes de Liszt, os classicos-romanticos Weber, Schubert, Mendelssohn e o proprio Schumann, não tinham ousado sahir das linhas traçadas por Haydn e Mozart; entreviu Beethoven a innovação na «Symphonia com côros», e Berlioz seguiu o na «Symphonia phantastica», mas a bandeira de completa revolta só foi audaciosamente hasteada pelo auctor dos primeiros poemas symphonicos.

Arvorou-a elle exactamente na época da revolta politica que agitou a Allemanha em 1848; retirando-se para o socegado asylo de Weimar, especie de parnaso allemão que abrigou Schiller, Goethe, Wagner e tantos outros poetas, pensadores e artistas. Liszt depôz os louros colhidos em toda a Europa como pianista maravilhoso, e empunhou a penna de musico revolucionario. Foi então que escreveu os seus poemas symphonicos,

E' de recente data o conhecimento universal de taes primôres.

Na época em que foram produzidos apenas se executaram em algumas cidades da Allemanha, sem mesmo se lhes reconhecer todo o valor que realmente teem. Liszt, dotado da mais cavalheiresca generosidade, deixava collocar, ou collocava elle mesmo, a sua obra em segundo plano para fazer sobresahir os trabalhos mais amplos de Wagner, dos quaes se constituiu paladino e propagador. Ambos os musicos revolucionarios tinham uma orientação reformadora a tal ponto analoga, na maneira de construir e desenvolver a phrase musical, que ha quem attribua a um a imitação de outro.

Creio porém que a analogia notada tem a sua origem mais na communhão das idéas do que na imitação servil, a qual seria incomprehensivel em dois tão grandes genios creadores como elles eram.

Em todo o caso, os poemas symphonicos não foram apreciados fóra da Allemanha senão meio seculo depois de escriptos. Duas tentativas feitas n'esse sentido em Paris, no anno de 1878, uma por Padeloup e outra por Camille Saint-Saens, abortaram ambas. Hoje porém estão essas composições despertando geral admiração em toda a parte.

Infelizmente, o eco dos applausos univarsaes conferidos á obra orchestral de Liszt não póde por emquanto repercutir-se entre nós por nos faltar a causa efficiente: a orchestra. Contentemo-nos portanto com a sua redução para piano, consolando-nos com a idéa de que essa redução foi feita pelo proprio auctor — e o piano tratado por Liszt torna-se quasi orchestra. Ser-nos-ha tambem compensação á falta de orchestra, a sciencia e consciencia que presidiram ao estudo das obras que vamos apreciar, assegurando-nos a fidelidade da sua interpretação.

Os poemas symphonicos de Liszt são em numero de doze

Ouviremos hoje tres, justamente tres dos mais interessantes, que são o *Tasso*, os *Preludios* e os *Ideaes*.

No *Tasso*, escripto em 1849, Liszt descreve as tres principaes circumstancias que invocam a memoria do auctor da *Jerusalem libertada*: o seu soffrimento nas prisões de Ferrara, o seu triumpho posthumo, e a immortalidade dos seus versos perpetuados no canto dos gondoleiros venezianos. Para traduzir em musica estas tres circumstancias, diz o proprio Liszt: «fiz primeiro surgir a grande sombra do heroe, tal como ella nos apparece hoje quando visitamos as lagunas de Veneza; em seguida entrevi a sua figura altiva e triste deslizando

no meio das festas de Ferrara, onde ella tinha produzido as suas obras primas; finalmente seguiu-o a Roma, a cidade eterna que lhe offerece a sua corôa, glorificando-o como poeta e como martyr».

Lamento e Triumpho são os dois contrastes que sobresaem n'esta composição, contrastes ligados por um thema unico, d'onde nascem todos os outros; esse thema é a propria toada ouvida por Liszt em Veneza, com a qual os gondoleiros cantavam as estrophes do *Tasso*, tres seculos depois da sua morte.

Os *Preludios* foram inspirados pelo poemeto de Lamartine que tem o mesmo titulo e faz parte das *Nouvelles Méditations*. O proprio poeta, cujos versos teem todos uma harmonia tão profundamente musical, disse que este seu poemeto era uma «sonata de poesia», na qual desenvolve quatro themas principaes: 1.º Elegia amorosa; 2.º Tempestade; 3.º A guerra; 4.º A vida campestre. Liszt, modificando a ordem d'estes themas poeticos, explicou do seguinte modo a traducção que d'elles fez em musica: «A nossa vida não é senão uma série de preludios a esse canto desconhecido, cuja primeira nota a morte entoa solemnemente. O amôr fórma a aurora encantada da existencia; mas vem sempre uma tempestade que dissipa todas as illusões, e quando ella finda, o espirito procura descansar na doce tranquillidade da vida campestre. Comtudo o homem não se resigna de todo a gosar esse benefico repouso no seio da natureza, e quando o clarim lança os signaes de alarme, corre ao logar do perigo, seja qual fôr a guerra que o chame, afim de encontrar no combate a plena consciencia de si mesmo e inteira posse das suas forças».

Para descrever estas diferentes phases da existencia humana, Liszt tomou um motivo melodico, transformando-o successivamente de diversos modos, para lhe dar ora um character amoroso, ora uma feição pastoril, ora um accento guerreiro. No centro ergue-se a tempestade dissipadora de illusões, que adquire extrema violencia para depois abrandar até á completa calmaria dos campos. O appello á guerra torna o final brilhante e cavalleiroso.

Os *Ideaes*, são a paráphrase de um poema de Schiller que tem o mesmo titulo. N'esta obra corre a phantasia de Liszt com maior desenvoltura e mais vago sentimento do que nas duas precedentes; a unidade thematica não é por isso tão evidente, e os dois primeiros themas reaparecem apenas uma vez integralmente. No emtanto, a uni-

dade de estylo conserva-se sempre com inquebrantavel nobreza.

Alguns trechos da poesia de Schiller explicam a descripção musical, e o todo tem tres grandes divisões intituladas *Elevação*, *Trabalho* *Apotheose*. E' este, talvez, o mais extenso de todos os poemas symphonicos do auctor.

Da musica especialmente escripta para piano, unica parte da obra de Liszt que se conhecia entre nós, ouviremos dois pequenos trechos interpretados pela ex.^{ma} sr.^a D. Palmira Rangel Baptista Mendes. Os primôres da interpretação é que as farão valer, e isso me dispensa de qualquer commentario. Deixo portanto aos vossos ouvidos e ao vosso espirito o regalo de commentarem mais uma vez o grande talento e o grande entusiasmo artistico da pianista e professora que tão intelligentemente organisou esta homenagem.

Vós, e eu tambem, lhe prestaremos egualmente a nossa mais viva homenagem de admiração e respeito.

ERNESTO VIEIRA.



A Canção Franceza

(A propósito da YVETTE)

Conclusão

O que tem principalmente caracterizado a canção em França é o *à propos*, a espontaneidade com que apparece a commentar o caso do dia. E vindo a tempo, não se lhe exige muito mais.

Por isso é que, salvo a *Marselheza* que é de todos os tempos e, quasi direi, de todos os povos, já pouco resta hoje, de verdadeiramente aproveitavel, no immenso cancionero do passado, e só o talento de uma Yvette Guilbert é que nos poderá fazer supportar um *Malborough s'en va-t-en guerre*, *En revenant de Versailles* ou *Le joli tambour*...

Passam as canções, como esquecem os *faits divers*, cuja leitura nos emocionou um momento. Ha então imbecilidades, como *Ma grosse Julie* ou *La petite tonkinoise*, cujo favor se não explica senão pela comica bonhomia d'um Polin ou de qualquer outra celebridade de café-concerto. Essas e outras bugigangas hão-de dar bem triste ideia da nossa mentalidade aos que se lembra-

rem, mais tarde, de as exhumar; bem mais triste, com certeza, do que nós poderíamos ter, resuscitando as sensaborias do Béranger ou as pieguices do Garat.

Tem então decahido a canção? Não é tanto assim.

No ultimo quartel do seculo XIX appareceram comicos impagaveis, que levantaram a canção-commentario, a carçoneta propriamente dita, a altura grande. Fusier, Darcier, Madame Demay, Paulus, foram verdadeiras illustrações no seu genero.

A seguir á guerra franco-prussiana, apparecia uma canção de Pilati, *Là! i's ont fusillé notre mère*, que fez furor, como mais tarde fez furor *En revenant de la revue*, elevada, como se sabe, á categoria de hymno boulangista.

Le temps des cerises de Renard, *Le père La Victoire* de Luiz Ganne, pertencem tambem ao numero das que mais rapidamente e com mais razão se popularisaram.

Depois veiu Paulo Delmet, cujas *Chansons de Montmartre* são documentos flagrantes da vida bohemia de Paris e Aristide Bruant, que foi o poeta do *argot*, rude e truculento, pittoresco sempre, pathetico ás vezes.

Estamos pois em pleno *cabaret*, e o *cabaret* parisiense, ninho da bohemia artistica e litteraria, *pepinière* de poetas *in erba*, mereceria só por si, não direi uma epopêa, mas pelo menos um artigo inteiro. Do *Chat Noir* já eu lhes falei, em uma noticia aqui publicada em tempos. E do *Chat Noir*, d'esse *cabaret* dos *cabarets*, em que Rodolpho Salis, *gentilhomme-cabaretier* por excellencia, pontificou durante tantos annos, nasceram, entre musicos e poetas, verdadeiras illustrações da cançoneta, como Jules Moy, Léon Xanroff, Frogerolle, Fursy, Maurice Rollinat, e, estrella de primeira grandeza, esse Xavier Privas, que gosa honras de principe dos cançonetistas, e que em Montmartre, n'esse canto de Paris, a que chamam a capital da satyra, é, fóra de duvida, uma das figuras mais insinuantes e artisticas.

Charles Mayol, poeta, musico e editor das suas proprias cançonetas, Dranem, L. Maurel, Fragson e o já citado Polin, são celebridades, mais ou menos authenticas, do café-concerto.

O sexo-bello tambem poderia dar um optimo contingente para a historia da cançoneta.

Quando Thérésa, ahi por 1865, se revelou como cantora de concerto, ou antes, de café-concerto, o que não é precisamente a mesma cousa, deu um golpe cruel na romança piegas que fazia as delicias dos seus concidadãos. O humorismo e graça caustica

das suas criações succediu as multidões que accorriam a ouvil-a. *La femme à barbe* e o sapadôr — *pour qui rien n'est sacré* — desopilaram o figado de toda uma geração; e *La Terre* de Jules Jouy, a que Thérèse deu fóros d'obra-prima, galvanizou a França inteira n'um *frisson* de lenda ou de prophécia.

Anna Judic, que ha poucos dias morreu na sua villa de Avallon, e a languida Paulette Darty, ambas comediantes consummadas, não faziam má figura ao lado da *grande Thérèse*, como em Franca lhe chamavam; ambas são bem conhecidas do nosso publico.

Citando apenas de passagem outras *divettes*, como Anna Thibaud, Marguerite Deval, Mesdemoiselles Lanthenay e Polaire, e Jeanne Bloch, cuja extremo *enbonpoint* lhe valeu o cognome de Falstaff do café-concerto, estamos longe de assignalar a qualquer d'ellas um lugar de honra na galeria dos artistas celebres...

Outro tanto se não pôde dizer da Yvette, cuja malleabilidade d'expressão e dicção impeccavel a collocam, sem favor, na primeira fila dos cantores da nossa época. E' n'ella, e no seu talento e originalidade, que se resume a canção franceza de hoje, na sua expressão mais levantada e, posso dizel-o, mais moralisadora. E não sorriam do adjectivo. Porque, quando se não deixe resvalar para a pornographia, ou para a imbecilidade, a canção, com o seu arsinho *bon enfant*, não deixa de ser uma lição de moral, que quando não logre educar, tambem não perverte.

L.



Cartas a uma senhora

154.^a

De Lisboa.

Não quizeram os fados que eu a encontrasse quando lhe passava pela porta, porque uma deliciosa viagem d'arte por sua vez a levava a fazer a encantadora volta de Aix-la-Chapelle, Colonia, Hollanda e Belgica; e, emquanto a minha avelhentada car-

cassa milagrosamente escapava d'um escavacamento em regra nas aridas e medonhas planicies de Espanha, a minha amiga de novo se deleitava na contemplação d'esse mimo de renda que é a Cathedral rhenana e admirava embevecida os campos de tulipas de Harlem ou a lição de anatomia do cada vez mais vivo e colossal Rembrandt.

Como não quero pôr uma nota naturalmente pouco alegre na primeira carta que lhe escrevo depois que meus olhos poderam mergulhar na incomparavel paisagem da nossa terra ou perder-se pelo seu azul sem fim, não lhe descreverei o que foi esse tremendo choque em plena noite de neve e de vento, tendo como scenario agosto mas medonhamente tragico, a linha sinuosa dos Pyreneus, que na sua majestade altiva se preparavam para nos engulir a todos, e fujo a dizer-lhe o que nos pareceram essas longas quatro ou cinco horas de espera e de tortura, passadas sob um céu inclemente, do alto do qual só escorria desolação e angustia,—ao mesmo passo que um pobre moço, desprevenido e desafortunado, curtia as dôres agudas d'uma fractura dupla a que dedicadas e proficientes mãos amorosamente procuravam acudir sollicitas, enquanto outros gemiam baixinho ou tentavam estoicos esquecer o que propriamente haviam tambem soffrido.

Esse brusco pesadello do lindo sonho que tantos n'essa romagem de alegria iam tecendo incautos, já agora por felicidade se desfez, e o que nos ficou a todos quantos n'essa inolvidavel noite nos encontrámos em taes paragens, foi seguramente a certeza intima de havermos costeado a morte, sentindo-lhe o calafrio unico e o sopro inconfundivel e de finalmente termos conseguido transpôr, na maioria incolumes, a guella hiante que diante de nós se abriu.

Agora só falta que o mais provado de todos, que ainda em leito de terra estranha se vê immobilizado e ferido, possa por seu turno cantar victoria, entoando á mocidade e á vida o hymno festivo e febril da libertação e da saude...

Quanto ao resto da viagem para que procurar, por meio de palavras velhas ou de gastas imagens, reconstituir o quadro colorido e vario do que ella foi, se V. Ex.^a, querida amiga, conhece como os melhores o ambiente luminoso e raro em que elle se desenrolou, e em parte pelos jornaes, em parte pelo que outras vozes amigas lhe contaram, já sabe tudo o que valeria a pena ser sabido?

Esse incomparavel e inesquecivel serão d'arte que os estudantes de Paris offereceram aos seus collegas de Portugal, e onde

numeros houve que nunca mais sairão da memoria grata de quem extasiado os saboreou; essas visitas a sabios como Branly, a museus como o Louvre, a monumentos como todos quantos constellam a cidade sem par que é a capital da França, tudo isso tão penetrado de belleza suprema e de immortal poesia que a visão do corpo e da alma pôde apprehender e gosar, não é precisamente para ser descrito, talvez por que profundamente foi sentido.

E quando qualquer de nós pensa, um minuto que seja, no que o admiravel povo francês tem realisado, em verdade e em magia, no formosissimo solo que para si talhou, não pôde eximir-se a uma impressão entre dolorosa e effusiva, de pezar e de gratidão, de pezar por não poder ter na sua terra nada que com isso se pareça, de gratidão por lhe ser em todo o caso permittido considerar um tal conjuncto de elevação ethica e esthetica um pouco a obra de toda uma raça que recebeu a mesma influção divina e vive no mesmo estremecimento humano, a ponto de cada um de nós como que ter duas patrias, aquella em que viu a luz e a que o prendem os immateriaes e indestructiveis affectos que lhe dão a razão de ser e de viver, e aquella onde a alma de todas as civilisações e a essencia de todos os espiritos divinamente se encarnou e que é a cathedral symbolica da incoercivel mas absorvente religião da fraternisação humana no que ella tem de mais puro e de mais nobre!

Outras nações serão grandes pela riqueza material, pelo poderio guerreiro, pela influencia utilitaria, algumas conservarão ainda, como reliquia sagrada, um derradeiro impulso de ideal e de emoção perante a Belleza eterna e soberana; mas só a França mantém perenne e incontaminada a chamma ardente d'essa Belleza eterna e isto faz com que todos possamos perdoar-lhe um ou outro dos seus desfallecimentos passageiros na marcha gloriosa, no vôo ascensional para a Verdade, para a Justiça, para a Concordia, porque só ella tem o condão supremo de a todos nos unir no amor e na sympathia, servindo-se para isso da graça das suas creanças, da gentileza das suas mulheres, da seiva dos seus artistas e da vibração dos seus pensadores, dos seus poetas, dos seus homens emfim da penna ou da palavra, synthese sempre perfeita e sempre completa do espirito que vivifica povos e cria civilisações.

AFFONSO VARGAS.



PORTUGAL

Está-se procedendo á reorganisação do ensino da arte dramatica no Conservatorio. Importa, ao que nos consta, essa reforma, entre outras modificações importantes, a creação de uma escola pratica, annexa ao mesmo estabelecimento.

*

Com exclusão dos srs. Francisco e Antonio Andrade, Adriano Mereia e Michel'angelo Lambertini, que se exoneraram do encargo, tem funcionado regularmente a commissão nomeada pelo governo para estudar os assumptos do theatro de S. Carlos.

Pela Associação dos Musicos do Conservatorio, foram respectivamente delegados para fazer parte da mesma commissão, os srs José Henrique dos Santos e Frederico Guimarães, desistindo este ultimo, depois de ter comparecido na primeira reunião.

*

Com um programma deveras interessante realisaram os alumnos do Conservatorio, em favor do seu cofre de subsidios, uma *matinée* artistica em 7 d'este mez.

Constou a parte musical de um fragmento de um *Quarteto* de Haydn, a *Prière* de Hasselmans, pela alumna de harpa, D. Maria Xavier Frazão, a aria do *Rigoletto*, pela alumna D. Beatriz Baptista, numeros de orchestra dirigidos por Pavia de Magalhães e Flaviano Rodrigues, e córos orpheonicos regidos pelo professor Ribeiro.

A parte dramatica foi constituida pela maioria das peças com que anteriormente se havia realisado no theatro Nacional a interessante e applaudida festa de comedia antiga.

*

Não podemos tambem deixar de alludir á conferencia-concerto, organizado em 30 de abril, pela benemerita *Academia de Estudos Livres*, e á qual não pudemos infelizmente assistir, apesar da amabilidade do convite.



Consta-nos comtudo que tanto a conferencia do sr. dr. Carneiro de Moura, como a parte musical, em que se distinguiram a sr.^a D. Eulalia Gonçalves, e os srs. Mario Cabral, Fernando Gameiro, José L. da Costa, Annibal Freitas e Silveira Paes, tiveram um exito nada inferior ao que assignalou os concertos anteriormente realizados pela mesma agremiação.

*

Promette-nos o nosso illustre collaborador, sr. Alfredo Pinto (Sacavem), uma série de artigos subordinados ao titulo de *Esboços philosophicos, O valor da esthetica (leitua para os novos)*, em que tão importante assumpto será tratado em linguagem simples e clara, ao alcance da mocidade, d'aquella pelo menos que se interessa por tudo o que é elevado e bello.

Serão acolhidos com verdadeiro prazer os promettidos artigos.

*

Para inaugurar a quarta exposição de pintura na Sociedade de Bellas Artes, do Porto, houve em 30 de abril um magnifico concerto dedicado a Beethoven e precedido de uma palestra elucidativa sobre as obras a executar.

Foi Moreira de Sá, cuja palavra auctorizada é sempre ouvida com verdadeiro respeito, quem se encarregou d'esse trabalho critico, prendendo a attenção do auditorio com a descripção de varios promenores historicos de elevado interesse e com a analyse da 3.^a *ouverture* da *Léonore*, e da primeira e quinta *Symphonia*.

Não se limita Moreira de Sá ao commentario das obras que constituem o concerto, estuda as fórmulas da sonata e da symphonia e as transforções por que passaram, a invenção beethoveniana do *scherzo*, e até as *trouvailles* de estylo e d'instrumentação que sa encontram nas obras do mestre dos mestres.

A seguir á brilhante palestra de Moreira de Sá, que foi entusiasticamente victoriado, realisou-se o concerto propriamente dito, em que brilharam, entre outros artistas, os nossos conhecidos Laureano Forsini e José Bonet.

*

Em 11 d'este mez teve logar no Salão da *Illustração Portuguesa* uma optima audição de alumnos de piano e de bandolim, da sr.^a D. Lucilia Moreira e Manoel Gomes.

Não poude a *Arte Musical* delegar nenhum dos seus redactores para esta festa escolar, apesar da gentileza do convite; consta-nos todavia que revestiu um grande brilho e que tanto a illustre professora de piano, sr.^a D. Lucila, como o distinctissimo bandolinista, sr. Gomes, e os numerosos discipulos de uma e outra especialidade, que n'essa noute se apresentaram, foram alvo das mais vivas e expontaneas demonstrações d'apreço.

*

Por incommodo de saude da sr.^a D. Henriqueta d'Korth e do sr. Michel'angelo Lambertini, tem de soffrer um pequeno retardo os dois ultimos concertos da *Sociedade de Musica de Camara* n'esta época.

Estava annunciado para 10 o primeiro d'esses concertos, e só poderá effectuar-se, assim o esperamos pelo menos, no decorrer da proxima quinzena.

*

Com o titulo de *Vou vér*, publica-se uma nova revista semanal, que contém programmas e preços dos theatros e animatographos, musica nos passeios, jogos sportivos, tabellas de trens e automoveis, horarios de comboios, annuncios, etc.

Agradecemos o primeiro numero que nos foi enviado.

*

Na noite de 11 do corrente, realisou-se no salão do Conservatorio, a festa artistica do distincto violinista Francisco Benetó.

Habituaos como estamos, a assistir a audições em que a arte é posta de parte, para só se cuidar na fórmula de, commercialmente, se obter um resultado satisfatorio, apraz-nos registrar, que ha entre nós um artista como Benetó, que desprezando os seus interesses se dedicou exclusivamente á elaboração de um programma que satisfizesse plenamente pela sua seriedade, gosto artistico e elementos componentes. Assim, o concerto de Benetó, reuniu todas as condições necessarias para contentar os mais exigentes e póde assegurar-se que foi uma das audições mais brilhantes da presente época.

O promotor d'esta festa de arte, executou o concerto III de Saint-Saens, obra de grande interesse e que Benetó provou cocherer a fundo e ter estudado com a mais escrupulosa attenção.

Tanto n'esta difficil obra como em todos os trechos que executou, foi sempre Benetó o mesmo concertista brilhante, de aprecia-

vel technica, sonoridade masculina e rigorosa afinação.

Vianna da Motta o nosso notavel pianista, que quiz dar um testemunho de apreço a Benetó temando parte na sua festa, executou magistralmente a *tocatta* de *Scarlatti* e a *eglogue* e *polonaise* em *mi* menor de Liszt.

O grande artista foi delirantemente ovacionado tocando *hors programme* a sua *barcarolla*.

Da parte de canto encarregou-se a distincta amadora D. Adelaide de Lima Cruz, que com a sua bella voz e sobriedade de dicção nos fez ouvir diversos trechos de Liszt e Schubert, recebendo justos e entusiasticos applausos.

Foi apreciavelmente acompanhada ao piano pela sr.^a D. Maria Carlota de Atayde. O concerto de Saint-Saens foi primorosamente acompanhado por M^{elles} Stela e Camilla Avila, Elisa Reis, Sarah Costa, e pelos srs. Julio Silva, Antonio Lamas, Pedro Freitas Branco e Vasco Sanches.

Em dois andamentos de um quartetto de Mozart fizeram-se applaudir com justiça as sr.^{as} D. Stella Avila, Antonio Lamas, Freitas Branco e D. Luiz da Cunha.

Benetó recebeu os mais entusiasticos applausos de todo o publico que quasi enchia a sala assim como lhe foram offerecidos varios brindes pelos seus amigos e admiradores.

ESTRANGEIRO

O rei d'Inglaterra deu ao British Museum, *on loan*, todas as obras que constituem a sua importante bibliotheca musical. Ha entre essas obras, muitas partituras autographas de Haendel e de Purcell e cerca de mil manuscritos de grande valôr bibliographico.

*

Terminou o congresso de musica em Roma. Attrahiu um grande numero de artistas, professores, musicographos e criticos, achando-se representadas a Inglaterra, a Belgica, os Estados-Unidos, a Hollanda, o Mexico, a Russia, a Suecia e o Uruguay.

Apezar dos jornaes estrangeiros se desentranharem em elogios sobre a organisação e resultados d'este congresso, temos de boa fonte que não passou d'um fiasco.

O que é muito interessante, segundo particularmente nos informam, é a exposição instrumental do castello Sant'Angelo, onde figura exclusivamente a collecção de um rico amator, Evan Gerga, composta de magnificos instrumentos antigos, de subido valor historico.

*

Para o logar de Hans Richter, como director da «London Symphony Orchestra», foi nomeado o reputado mestre inglez Edward Elgar.

*

A nova opera de Lorenzo Filiasi, *Fior di neve*, cantada ha pouco na Scala de Milão, teve um exito desastroso.

Parece que o poema foi julgado detestavel e a musica pouco melhor.

*

A direcção da Opera de Vienna tomou duas decisões, que tem dado logar a vivos commentarios. Consiste a primeira em interdizer o uso da barba a todos os cantores e a segunda em prohibir a assistencia do publico nos ensaios geraes, restringindo essa garantia aos criticos dos jornaes viennenses e aos solistas do theatro.

*

Para a successão da cadeira de orgão, no Conservatorio de Paris, vaga pela morte de Alexandre Guilmant, pensa-se em Henri Dallier, Charles Quef ou Joseph Bonnet.

Este ultimo já foi escolhido, por unanimidade, para organista da Sociedade de Concertos, logar vago tambem pelo mesmo motivo.



Em um artigo que acabo de lêr no *Echo Musical*, firmado pelo sr. F. Guimarães, allude-se mais de uma vez a uma carta por mim publicada no *Seculo* e *Diario de Noticias* de 20 de abril, e dá-se a entender serem menos verdadeiras as declarações por mim feitas na mesma carta.

Emprazo cathegoricamente o sr. F. Guimarães a que me indique qual o ponto ou pontos da minha carta, que o levaram a fazer tão leviana, quanto incorrecta affirmação.

Lisboa, 10 de maio de 1911.

Michel'angelo Lambertini.